



DIFERENTES OLHARES SOBRE A MUDANÇA NO ESPAÇO DA SALA DE AULA

CASSANA, Mônica Ferreira¹; **BOHN, Hilário Inácio**²

¹ Mestranda em Letras – Linguística Aplicada – monicassana@gmail.com

² Professor orientador - hbohn@terra.com.br

Universidade Católica de Pelotas

1. INTRODUÇÃO

A palavra “mudança” é utilizada em diversas acepções no cenário educacional brasileiro. Fala-se em mudança em relação às novidades da tecnologia, à motivação no ambiente escolar, à formação de professores. No entanto, esse vocábulo adquire inúmeros significados quando o próprio docente reflete sobre a sua prática. Para tal esclarecimento, procura-se, neste trabalho, entender como os sujeitos diretamente envolvidos com a escola, trabalham com o conceito de mudança. Para isso, utiliza-se como fundamentação teórica, principalmente, a obra de Paulo Freire (1979; 1996), cuja análise do compromisso do docente na sua função de trabalhador social é a orientação desse trabalho.

Tenta-se, nesse trabalho, refletir acerca das possibilidades de mudança. Procura-se, também, demonstrar a necessidade de uma perspectiva dialógica no ensino, que está presente nos discursos docentes, como uma tentativa de mostrar que é possível, baseado nas marcas linguísticas utilizadas pelos professores, compreender e propor algumas mudanças que possam vir a tornar-se práticas significativas na educação brasileira.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O *corpus* é composto por catorze textos sobre o tema “Como defino a sala de aula”, produzidos por alunos do Programa de Mestrado em Letras, da Universidade Católica de Pelotas, na disciplina “Pesquisa em sala de aula”. Os alunos do programa são professores de língua materna e estrangeira, que já possuem alguma experiência em sala de aula. Dessa forma, traz-se para a análise, trechos dos textos produzidos, seguidas de uma reflexão, que aponta um caminho para a intenção de mudança.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O texto de Guilherme¹ é revelador de uma preocupação política da relação entre educador e educando. Diz ele: "*Colegas, alunos e pais pressionam os profissionais para não mudarem o que está há tanto tempo estabelecido. Por que e para quem mudar? Embora pertinente, a resposta não caberia neste breve texto.*" Assim, Guilherme critica, de forma perspicaz, a posição de uma cultura que vê a educação como uma forma de adaptar e domesticar os alunos, com base na repetição e no impedimento de criar (cf. Freire, 1979, p.32).

Nas falas de Laura e Pedro², compreende-se a necessidade da transformação do ambiente de sala de aula em um ambiente democrático, onde haja negociação da relação professor-aluno, construindo um ambiente favorável para ambos. Assim, para a professora Laura: "A sala de aula não pode mais ser um lugar de opressão, onde alunos são subordinados às autoridades, ou seja, aos professores. Hoje há que se ver a sala de aula como o espaço onde alunos e professores aprendem juntos, onde se compartilhe conhecimento." Para o professor Pedro, a escola conserva, há muito, a mesma manutenção do poder: "Recortando apenas um aspecto das relações, as de poder, a sala de aula vem atravessando séculos sem grandes modificações." Esse cenário ainda é o mesmo de antigamente porque sempre há vozes que estão submetidas umas às outras, já que as vozes "não circulam fora do exercício de poder" (FIORIN, 2008, p.32).

4. CONCLUSÕES

Este trabalho não busca mostrar resultados estanques, que possam ser aplicados a qualquer sala de aula, justamente porque cada professor e cada aluno são únicos. Igualmente único é o encontro desses dois sujeitos no ambiente da sala de aula. O que é verdadeiramente interessante, nos textos analisados, é que as concepções de cada docente, enquanto elementos do processo de mudança, dialogam entre si, o que faz com que produzam textos altamente críticos que comprovam as relações intrínsecas entre discurso e sociedade. Mostram os diferentes olhares a respeito da educação, que podem tornar possível a mudança que cada profissional almeja, junto aos seus alunos e ao seu ambiente de trabalho.

Dessa forma, esse texto não tem por propósito definir, caracterizar ou apontar para que lado se está caminhando no que diz respeito à educação. Porém, é notável que há um posicionamento crítico por parte de educadores que se assumem, não mais como detentores do saber e transmissores do conhecimento, mas como aprendizes de uma nova realidade, que, aos poucos, parece surgir.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem** (1929). Tradução de Michel Lahud e Yara Vieira. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

¹ O nome verdadeiro foi preservado.

² Nomes preservados.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão** (1975). Tradução de Raquel Ramallete 35.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 24.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.